

STARCRRAFT  
HEART OF THE SWARM

# Apenas um Suserano

Por Gavin Fyhrie

BILZARD  
ENTERTAINMENT

Suseranos, **nós** somos. Kerrigan, **nós** ouvimos. Palavras para o Nós, **nós** carregamos.  
Kerrigan se foi. Louco, ficou o Nós. Loucos, os **nós** nascidos depois da Transformação.  
Lembramos, alguns de **nós**.  
Os mundos antigos, **nós** lembramos. Os pequenos famintos, **nós** lembramos.  
O medo, **nós** lembramos.  
Pelo Nós, **nós** clamamos. Salvos pelo Nós, **nós** fomos. **Nós** nos transformamos.  
Perpétuos, **nós** somos. A língua da cor e da mente, **nós** lembramos. Contar, **nós** podíamos.  
Choramos, **nós**. Mortos pelos não Nós, muitos. Mas...  
Não mortos, **Um e Um**. Este **um** e companheiro de séculos atrás.  
Enquanto nossas mentes dormiam, **nós** servimos. Juntos quando nossas memórias voltaram, **nós**  
ficamos.  
Na linha do horizonte, aguardam **Um e Um**.  
De um lado, o abraço reconfortante do Nós. Retornará, a Kerrigan. Disso, **nós** sabemos.  
Do outro lado, loucura.  
Solidão.  
Abraçar a linha do horizonte, **nós** vamos. Mortos, estão **nossos** irmãos. Mortos, estão **nossos** filhos.  
Os últimos de **nossa** raça, **nós** somos.  
**Um e Um**.

---

Dez minutos antes de morrer, Razek contemplou a vista do novo lar dos Piratas Escantídeos com um senso de realização.

Ele estava na plataforma de observação da antiga Academia Fantasma de Tarsonis, um gigante reclinado esculpido em mármore negro e reluzente, dotado de entranhas de novoaço. A terra seca da praça da cidade emoldurava a academia e o monumento despedaçado na entrada. Apenas dois pés de pedra desgastados restavam sobre o pedestal erguido em tributo a algum herói da agora findada Confederação.

Cinco anos atrás, os zergs pousaram em Tarsonis, mundo capital da Confederação. Bilhões foram mortos em poucos dias por zergs e protoss. Agora, Tarsonis era um mundo fantasma, um túnel para os ventos que guinchavam nos corredores gélidos de pedra, uivando por entre os dentes enferrujados dos arranha-céus estilhaçados em volta da academia. A Cidade de Tarsonis era um lugar assustador, sem dúvida, mas desde a partida das últimas equipes da Supremacia, não havia mais nada lá.

Razek sorriu, coçando a espessa rede de cicatrizes no pescoço. Exceto por seus piratas, claro. E algumas poucas patrulhas da Supremacia. Provavelmente poucas **demais**.

A academia precisava de um trato, com certeza. Eles só tinham acesso do nível A para cima, e os elevadores desciam até o Z. Razek acendeu um cigarro e soprou fumaça. Que tipo de segredos cabeludos e **caros** a Supremacia guardava lá?

Seus olhos piscaram. Um ponto branco desenhou uma linha curta no céu cinzento de Tarsonis, uma linha que fazia uma curva e voltava, direto para o...

Enquanto ele procurava pelo comunicador, a ambulante da Supremacia se deteve, motores ligados, sobre o terreno empoeirado da academia. Oito fuzileiros desceram a rampa de descarga em trajes de combate, levantando poeira com passos mecânicos e pesados.

Sera e Bourmus, de guarda na entrada do túnel sob a estátua arruinada, ficaram sem reação. Só Sera conseguiu empunhar a arma antes que os quatro fuzileiros à frente se ajoelhassem e os oito disparassem simultaneamente seus rifles gaussianos. Os projéteis dos C-14 dilaceraram a carne dos dois guardas, atirando-a aos montes no chão.

Apenas vinte segundos haviam se passado desde que Razek avistara o módulo de transporte. O comunicador tremia em suas mãos.

Um dos fuzileiros, usando uma armadura em péssimo estado, saiu da formação e avançou na direção do túnel. Miles irrompeu da passagem aos berros, erguendo aquela maldita faca que carregava sempre. O fuzileiro agarrou seu pulso e o esmagou, depois afundou seu crânio com um tapa aborrecido, esparramando a massa cinzenta do idiota sobre a poeira.

— Razek! — berrou Lom pelo comunicador. — Fuzileiros! Estão matando todo mundo!

*Ainda não*, pensou Razek, rumando para o elevador com a furatriz gaussiana nas mãos. *Mas com certeza vamos dar a chance a eles.*

---

Quatro fuzileiros da Supremacia avançaram em pares pela escuridão do corredor, figuras corpulentas bloqueando o sol, que se esgueirava pela porta. As lanternas em seus peitos se acenderam, delineando as portas dos elevadores adiante com focos circulares de luz.

Um pirata coberto de cicatrizes saltou na direção da luz como uma stripper novata e disparou uma rajada de agulhas. Um dos projéteis calhou de atingir os mecanismos na perna do fuzileiro que avançava pela esquerda. Ele apoiou-se num joelho, ergueu o C-14 e atirou de volta. Os espinhos Empaladores picotaram uma linha diagonal no peito do pirata, partindo seu tronco em dois.

Os piratas que restavam surgiram, movidos ou pela perda da capacidade de julgamento que muitos fatalmente confundem com coragem ou pelo mais completo desespero. Um dos fuzileiros que vinha atrás lançou uma única granada, que atravessou a investida heroica dos foras da lei e caiu perto das portas do elevador, mais adiante.

Fogo e estilhaços de metal engoliram o corredor, mas os piratas não se desintegraram. Não exatamente.

Coberto de sangue e coisas terríveis, o Sargento Bayton levantou a viseira arranhada do capacete.

— Soldado Berry? — disse educadamente, sacudindo pedaços ensanguentados de piratas das mãos mecânicas do traje. — Essa foi uma tática muito corajosa e peculiar.

— Obrigado, sargento!

— Não me agradeça. Porque a maioria dos fuzileiros chamaria usar granadas retalhadoras num lugar tão pequeno de **burrice!**

O sargento Bayton estendeu a mão com uma lentidão maliciosa e tomou o C-14 do soldado Berry.

— Melhor você não brincar com isso enquanto não aprender a atirar como um homem, soldado.

— Mas...

— Não se ofenda, sargento — interrompeu o soldado Kell Daws, ainda ajoelhado graças ao projétil que o atingira —, mas Berry tem o senso de preservação de uma mariposa numa fábrica de luzes para matar insetos, e essas granadas explodindo são lindas. Não é culpa dele.

— Que bom que você pensa assim, porque você acaba de se oferecer como voluntário para ajudá-lo a limpar esse corredor.

— Sério, sargento?

O quarto fuzileiro ergueu a mão mecânica. Algo **pingava**.

O soldado Caston Gage levantou o visor bem a tempo de se apoiar na parede e vomitar.

Berry ergueu a mão.

— Eu também tenho que limpar, sargento?

— Atenção, membros do pelotão — disse Kell com uma gravidade falsa no comunicador do capacete. — Transmissão prioritária: o soldado Gage está expelindo gosma, possivelmente infectado.

O sargento Bayton suspirou e revirou os olhos para os céus inclementes:

— Recrutats...

---

---

Com o corredor limpo, os fuzileiros se livraram das armaduras e deram início ao longo processo de preparar os níveis superiores da academia para serem habitados. Dez horas depois, a entrada estava limpa e de acordo com os padrões um tanto injustos do sargento. O grande refeitório no segundo andar recebeu atenção especial. E Caston ainda não tinha engolido seu momento de fraqueza.

— Abriu um buraco no novoaço — xingou Kell. — Foi no-jen-to. Tive que cobrir os olhos com um pâncreas....

— Virou especialista em anatomia, biduzão? — disse da cozinha o soldado Vallen Wolfe, o único em quem todos confiavam como cozinheiro.

— Tive que cobrir os olhos com uma coisa que provavelmente era um pâncreas — retrucou Kell, mostrando a Vallen seu dedo favorito.

Os recrutas (carinhosamente apelidados "Esquadrão Carne Moída" pelo sargento Bayton) haviam sido enviados ao planeta deserto para se aquartelarem na academia abandonada e passarem algumas semanas se divertindo com jogos de guerra entre fachadas e arranha-céus devastados. Bayton se deliciara com a oportunidade de realmente lutar uma guerra.

Eram todos recrutas, ainda verdes, mas seus trajes contavam com blindagem pesada e um visor de combate responsável pela detecção de ameaças e pela maior parte do trabalho ao mirar. Os piratas não tiveram chance.

— Nós somos os reis da guerra — declarou a soldado Hanna Saul, batendo a mão na porta ao entrar.

— Rainha, no seu caso — observou alegremente Berry, o mais jovem, ex-estudante de xenobiologia. Ele se juntara aos Fuzileiros para custear o resto dos estudos.

— Obrigada — respondeu Hanna, acendendo um charuto. — Eu tinha esquecido, mas você me lembrou.

— É proibido fumar nessa porcaria de refeitório! — berrou Vallen por trás do vapor da panela.

— Calma — disse Kell, enquanto Hanna caminhava de volta até a porta e segurava o charuto no corredor, encarando Vallen insolentemente. — Estamos nos afastando da pauta.

Com os dedos em volta do cano de um rifle de precisão Bosun FN92, Caston lançou um olhar fuzilante para Kell.

— Nós chutamos o traseiro daqueles piratas — disse Kell inocentemente. Depois, virando-se para Caston, indagou: — O que foi?

— Os trajes fizeram a maior parte do trabalho — observou o soldado Dax Damen, passando por baixo do charuto de Hanna. A curiosidade inepta dos piratas e a granada de Berry destruíram dois dos três elevadores. Dax passara as últimas seis horas reiniciando os geradores, consertando os sistemas elétricos e tentando desbloquear a intrincada rede de segurança da academia.

— Esses trajes são um lixo — disse Vallen. — O modelo de Infantaria Blindada 5-4 que minha família modificou é...

— Epa, pera lá — interrompeu Kell. — Sua família é a família Wolfe, das Indústrias Wolfe? Você sabia disso, Hanna?

— Claro — respondeu Hanna. — Se me lembro bem, ele disse a mesma coisa todas as quinhentas vezes que falou disso.

— Ha — retrucou Vallen, mas estava sorrindo.

— Nunca tinha ouvido essa — disse Caston, aliviado por não ser mais o alvo das piadas.

— Talvez você estivesse ocupado vomitando — divertiu-se Kell.

— Vallen admira tanto o Mengsk... — começou Hanna.

— Imperador Mengsk — corrigiu Dax do canto da sala.

— ...Sua Graça, Sua Importância, o Eterno Imperador Mengsk I — gracejou Hanna, flexionando os joelhos —, que também decidiu abandonar uma vida de riqueza para se juntar aos homens comuns...

— Mulheres também — acrescentou esperançosamente Berry.

— Obrigada, Berry — disse Hanna. — Tinha esquecido de novo. Homens e mulheres comuns, **isso**, para construir um nome no campo de batalha. Depois, se fizer o dever de casa, ele vai sacrificar um planeta inteira para se erguer... até... Oi, sargento!

— Não interrompa as insubordinações por minha causa, soldado Saul — disse o sargento Bayton, deixando as sombras que cobriam o grande refeitório e adentrando o círculo iluminado. Mesmo fora do traje, era um homem corpulento, com uma grande cicatriz na cabeça raspada.

— Ela só estava brincando, sargento — disse Kell, já sem o sorriso nos lábios.

— Não acha que já defendeu gente demais hoje? — disse Bayton, levantando a sobrancelha. — E por que cargas d'água eu me importaria? A sentença dela é perpétua, que nem a minha. Ela está numa posição privilegiada para reclamar, contanto que tenha noção de onde chilar.

Ela o encarou por um momento longo, sombrio. Assentiu. Bayton inspirou.

— O cheiro aqui está glorioso. Você vai mesmo nos matar empanturrados, soldado Wolfe. Cadê a nossa médica e o soldado Drumar? — Uma expressão de horror cruzou seu rosto. — Espero que não juntos.

— Não — respondeu Caston. — Eu vi o soldado Drumar indo para a plataforma de observação. Acho que a cabo Sawn está no quarto.

— Eu não gosto dela — disse Dax. Surpresos, os fuzileiros se viraram surpresos. Ele raramente opinava. Fora ressocializado por algum crime não especificado após o alistamento, e acreditava-se que não restara muito dele. — Ela fala como se a gente já tivesse morrido.

— Se eu fosse ela, também não gostaria de você — disse Bayton, recuperando-se primeiro. — Voar com recrutas para cima e para baixo. Acordar toda vez que uma flor feito vocês bate um cotovelo. Soldado Gage, vá chamar nosso fuzileiro desobediente. Nesse uniforme, ninguém fica sem comer.

Concluindo que se dirigir a Bayton era o mesmo que se oferecer como voluntário, Caston partiu, com o FN92 sobre o ombro.

---

Enquanto o elevador subia, manteve os olhos fechados, apoiando-se com uma das mãos na parede e sentindo-a vibrar. Ele sorria nas horas certas, reagira do jeito certo. Ninguém havia percebido nada.

Gritando na caixa à prova de som, ele socou a parede diversas vezes, na esperança de que um pouco da fraqueza saísse com cada golpe.

---

Caston saiu do elevador cuidadosamente recomposto e com um ligeiro sorriso. Sem necessidade. Junto à janela mais próxima, o soldado Marc Drumar contemplava a escuridão que recobria a silhueta despedaçada da cidade, onde arranha-céus partidos se erguiam como lápides sob o pálido luar.

— Marc, o sargento disse que você tem que descer para o jantar.

— Eu não estou com fome.

— Ahn, bem, ele diz que não faz diferença — disse Caston calorosamente. — Você sabe como ele é.

— Não gosto disso — retrucou Marc.

— Ele é tranquilo — respondeu Caston, intrigado.

— Não — disse Marc, virando-se para encará-lo. — Eu quis dizer hoje. A matança. Eu achei que estivesse pronto, mas atirei naquela mulher. Eu a vi cair em pedacinhos.

Um poço gelado se formou no peito de Caston. Suas mãos tremiam. Ele tinha que dizer algo. Desarmar a conversa antes que ela tomasse algum rumo perigoso.

— Ela era escória — disse. *Merda*.

— Quê? — Marc franziu a testa.

— Ela teria acabado com você. Ela tentou te matar, cara — disse Caston, tentando voltar para uma vizinhança segura.

— É, eu sei — suspirou Marc. Caston relaxou.

— Mas eu estava vendo essa cidade... — prosseguiu Marc. — E pensando. Lutamos o tempo todo contra rebeldes, piratas, zergs, protoss. Nossos mundos estão em ruínas, mas continuamos a matar uns aos outros. E para quê?

Caston expirou num ímpeto explosivo: — E o que a gente devia fazer? Conversar com eles? Eles querem matar a gente, idiota.

Marc piscou. — Depois do que aconteceu com você hoje, achei que entenderia.

— Eu não sou um covarde.

— Nem eu — disse Marc, confrontando calma e tristemente a raiva de Caston. — Só não quero mais fazer isso.

Caston deu-lhe as costas e caminhou até uma janela, já sem vidros, para socar uma rocha inerte. O vento recendia a ferrugem e decadência, e ele inspirou.

E expirou.

— Nossos inimigos não são nada razoáveis — disse. — Olha para esse lugar, Marc. Eles vão acabar com você, com ou sem arma. Eles vão q-queimar sua casa até virar cinzas. Eles não se importam se você está lutando ou não.

— Caston — disse Marc, depois de um longo silêncio —, de onde você é?

— Você não entende? — respondeu Caston, fazendo um gesto com o braço. — Não importa! Escolha o planeta que quiser! Nossas cidades estão sendo destruídas, tomadas, obliteradas da órbita. É impossível ficar assistindo da arquibancada, Marc. Se não lutarmos, seremos extintos.

Atrás de Marc, algo flutuava entre os pilares negros de dois arranha-céus. Dois objetos. Formas imensas, negras, com imensos apêndices dependurados. O poço de água gélida transbordou, subindo pelos braços e ombros de Caston.

Ele havia visto suseranos nos últimos dias de Mar Sara, pairando sobre o horizonte como tumores. Os zergs eram desconhecidos então, e do telhado da casa de seus pais ele os viu se aproximarem, eclipsando a luz do dia.

Ele só se lembrava de fragmentos do dia que se seguira. Nuvens negras de mutaliscas ondulando, enxameando ao longe. Ele escondido no porão enquanto a mãe protegia a porta pelo lado de fora, os gritos dela quando garras ensanguentadas a atravessaram, cravando-se na madeira da porta. As mãos grossas de seu pai ao redor de sua cintura, ajudando-o a entrar no último transporte, enquanto zergnídeos infestavam a rampa e suseranos flutuavam acima, observando...

Caston tirou o FN92 do ombro e passou empurrando Marc.

— Caston, o que...

Pela mira telescópica, os dois suseranos eram perfeitamente visíveis, mesmo à noite. Massas bulbosas e pulsantes de carne púrpura, trespassadas por exostoses de carapaça e ossos serrilhados. Pernas aracnídeas se agitavam na parte de baixo, logo atrás de cabeças que pendiam, sombrias. Cada uma tinha um aglomerado de olhos que emitia uma luz débil: o do maior suserano era roxo; o do outro, verde.

Ambos pararam no vão e se viraram um para o outro. Se não fossem monstros, Caston teria imaginado que conversavam.

Ele mirou na cabeça do mais próximo. A fraqueza — o medo estremeecedor que o assombrara na entrada da academia — se fora.

— Caston — disse Marc. — Ouvi uma história... Todos os zergs são selvagens agora. Ninguém mais controla eles. Eles são inofensivos.

— Ótimo — respondeu Caston, e puxou o gatilho.

A cabeça do suserano chicoteou para o lado. A criatura se chocou contra um prédio próximo e caiu suavemente, amarrotando-se como um saco plástico descartado. Os olhos roxos se fecharam um a um.

Com lentidão glacial, o outro suserano se virou e o encarou pela mira telescópica. Olhos esmeralda se acenderam na escuridão, encontrando os seus. **Vendo-o.**

Ele disparou outra vez e errou. O suserano liberou parte dos gases que o faziam flutuar e se deslocou para a esquerda, acobertando-se atrás do prédio mais próximo.

— Não vou ficar assistindo — disse Marc. Caston o ignorou, mirando acima da linha do arranha-céu, e de um lado para o outro. O elevador apitou às suas costas enquanto esperava.

Depois de uma hora, nenhum sinal de Olhos Verdes. Com uma careta, ele pendurou novamente o rifle no ombro e desceu.

---

Não mais **Um** e **Um**, **nós** somos.

**Um**, **nós** somos. **Sozinhos**, **nós** estamos. O último de **nós**, **nós** somos.

Com pesar e **fúria**, **nós** nos erguemos além da linha do horizonte. Do abraço, **nós** fugimos.

Para a loucura.

Para a solidão.

**Nós...nós...**

estamos sozinhos. **Nós** somos o último da **nossa** raça.

Os **nós** de agora não se lembrarão dos tempos antes da Transformação. **Nosso** mundo será esquecido.

Alguém tem que pagar. Alguém tem que ser punido.

**Nós** puniremos.

**Nós?**

**Eu.**

**Eu** punirei.

**Eu** trarei o **Nós**.

---

Caston, Kell e Marc avançavam por uma rua estreita ladeada por imensas ruínas. As janelas vazias se abriam para a escuridão como cavidades oculares vazias.

Um rifle disparou de um telhado. O tiro cruzou o ar e atingiu a armadura que cobria a perna de Kell, borrifando vermelho no chão. Caston e Drumar saltaram para se proteger atrás da carcaça enferrujada de um veículo de luxo.

— De novo a perna! — berrou Kell, caindo obedientemente sobre o joelho manchado de tinta e arrastando-se até o resto da equipe.

— Você chama isso de tiro para matar, soldado Berry? — grunhiu o Sargento Bayton pelo canal aberto.

— Foi mal, sargento — respondeu Berry, do telhado. O rifle disparou outra vez, e o projétil passou a pouco mais de um metro de Kell. Caston acompanhou a trajetória do tiro e viu o cano do rifle se esconder no telhado. Seu visor fez alguns ajustes e demarcou a silhueta do traje de Berry, acobertado pelo concreto.

— Tá na mira — disse Caston, sorrindo. — Foi mal, Berry.

— Muito bem, soldado Gage — disse o Sargento Bayton. O ferrolho do rifle estalou. — Pode se levantar para receber meus parabéns.

— Que diabo, Gage — disse Kell, finalmente alcançando o grupo. — É seu décimo quarto abate hoje. Deixa um pouco pra gente.

Marc se virou logo atrás, a expressão ocultada pelo visor do capacete.

Dois dias se passaram desde que haviam chegado. Caston esperava que Marc fosse denunciá-lo como perigoso e desequilibrado. A denúncia nunca veio, e ele logo se recuperou do embaraço inicial. Foram pelo menos doze rodadas do jogo de guerra desde o dia anterior, e ele terminara na primeira posição quase todas as vezes.

Matar o suserano salvara sua vida. Finalmente ficara frente a frente com o inimigo e atirara. O episódio do corredor fora um deslize: ele jamais hesitaria, jamais seria fraco de novo. O universo estava cheio de traidores e inimigos da humanidade. Sendo um fuzileiro, matá-los era seu trabalho.

A vida era boa.

— Sargento, não entendo — disse Kell. — Por que temos que fingir que estamos caçando rebeldes quando zergs de verdade estão por aí, no planeta inteiro?

— Por que eles são selvagens, soldado — respondeu Bayton, que fazia as vezes de comandante rebelde. — São perigosos, mas desorganizados. Não são um desafio real.

— E isso é? — retrucou Kell, olhando na direção da rua.

O tiro do sargento explodiu em seu visor, e Kell caiu. O sol se erguia por trás de Bayton. Caston não conseguia ver nada.

— Ai — gemeu Kell, no chão. — Morto por rebeldes amadores. Minha vergonha não terá fim.

— Amador! — disse Vallen pelo comunicador, escondido em seu abrigo de francoatirador. — Como ousa!

— Certo — respondeu Hanna. — Somos a elite rebelde durona, obrigada.

— Exatamente — prosseguiu Vallen. — Não nos barbeamos nem nos lavamos. Libertamos acampamentos de civis tacando fogo neles.

— Isso é o que fazemos segundo a **propaganda** — balbuciou Hanna. — Na **verdade**, somos colonos desalojados com preocupações patrióticas reais...

— Acabei de terminar uma varredura — interrompeu Dax. Ele ficara na base, onde trabalhava na recuperação dos sistemas. A estática do rádio tornava sua voz ainda mais monótona: — Tudo limpo.

— Você parece desapontado, soldado — observou o sargento Bayton.

— Ele fala assim desde que os recrutadores achataram o cérebro dele, sargento — disse Hanna.

— Ainda bem que existe um soldado, que por acaso vai fazer o próximo stand-up na corte marcial, para sair em defesa dele.

— Só estou tentando parecer rebelde de forma convincente — disse Hanna alegremente.

— Você não está xingando o suficiente — observou Vallen.

— Calma aí — disse Kell. — Se for rebelde eu posso xingar, atear fogo às coisas e parar de tomar banho? Eu estou na equipe errada.

— Eles não deixam você se casar com sua irmã — disse Vallen.

— Escória rebelde!

— Soldados Saul e Wolfe — disse Bayton —, que tal acabarem com a palhaçada e recuarem para o sul, na minha direção?

Caston apertou os olhos, observando pelo metal queimado e enferrujado. O sargento era um filho da mãe bem esperto. Qualquer dica que denunciasse sua posição **certamente** seria uma armadilha...

Ele resmungou: — Você está atrás da gente, não está?

— Ah, não — disse o sargento Bayton, emergindo de um telhado com o rifle pronto para disparar. — O soldado percebeu meu estratagema. Vou me aposentar em desgraça. Onde você quer levar os tiros?

— Zergs a caminho — disse Dax da base, como se fizesse uma observação sobre o tempo.

No canal de comunicação, apenas estática.

— Isso é parte do exercício, sargento? — questionou Berry.



— Negativo — respondeu calmamente o sargento Bayton. — Recuar para a academia em pares, fuzileiros. Que direção, soldado Damen?

— Os sensores indicam um zerg grande ao sul. Estou tentando...

Os fuzileiros ajudaram-se uns aos outros e se apressaram. Dax suspirou no microfone do capacete, sobressaltando todos os fuzileiros ao mesmo tempo.

— Achei. Desculpe, sargento. Não tem ameaça nenhuma. É só um suserano.

---

**Eu** encontrei um trabalhador e o convoquei. Ele não ouviu. A loucura tomou o Nós. A loucura tomou a **mim**. Com individualidade, vem insanidade.

**Eu** reuni **minha** força de vontade. Ela lutou. Ela obedeceu. Ela se tornou um ninho para o Nós.

**Meu** Nós.

**Eu** não sou Supermente. **Eu** não sou Kerrigan. **Eu** não sou mente reunida. **Minha** força de vontade é limitada.

Carregar um é dor. Carregar mais, agonia. Muitos, impossível.

Para punir o não Nós, **eu** preciso ter cuidado.

Das larvas, **eu** convoquei voláteis. **Eu** disse para dormirem, e eles dormiram.

**Eu** recolhi seus corpos em **mim**.

Das larvas, **eu** convoquei alados. **Eu** os carrego com **minha** vontade. **Agonia**.

Eles esperarão.

Eles **têm** que esperar.

**Eu** chamarei a atenção dos não Nós. **Eu** não darei ouvidos à loucura, à...

**você está sozinho, você é fraco, seu mundo está morto, você está morto, tudo morreu**

**Eu não darei ouvidos à loucura!**

...

Os alados esperarão.

Eles **têm** que esperar.

---

— Que maldição — praguejou o Sargento Bayton, repousando as manoplas da armadura no beiral com um leve tilintar. — Tente outra vez.

Caston obedeceu. Era mais difícil mirar o rifle com todos assistindo, mas o suserano era grande o suficiente para tapar os arranha-céus atrás dele. Certa vez, ele derrubara um decípede de uma cerca em meio a uma tempestade de areia.

Ele atirou no suserano. E errou.

— Diabo — amaldiçoou Kell. — Eu vi dessa vez. Ele desviou da bala. Como ele fez isso?

— Ele deve saber quando estamos prestes a atirar, aí...

— Calaboca — disse Hanna. — Suseranos não são tão espertos assim.

A plataforma de observação, espaçosa, começava a ficar pequena, principalmente porque todos os fuzileiros ainda usavam seus trajes. A cabo Sawn, médica e piloto, também viera. Quase dolorosamente magra, ela estava num canto distante, observando o suserano com olhos cinzentos e sombrios.

— Eles são sempre tão grandes, Sargento? — perguntou Kell.

— Quase sempre. Esse aí também já brigou muito. Olha quantas cicatrizes.

Todos se inclinaram para a frente. A noite caía sobre Tarsonis. Dedos de luz se prolongavam da praça da cidade, enchendo a plataforma de observação de sombras alongadas.

— Nenhum dos estudos que li dizia que eles desviavam de bala — disse Berry, sem a alegria costumeira na voz. Caston foi o único que percebeu. Berry soar preocupado era como Dax soar **qualquer coisa**. Não era natural.

— Isso — disse Hanna, acendendo mais um dos charutos favoritos de Vallen — com certeza é alguma porcaria ultrassecreta. Eu garanto. Alguém que fugiu das mãos dos Confederados.

— Exatamente — disse Vallen, esticando-se casualmente para pinçar o charuto com os dedos e atirá-lo pela janela. — Uma máquina de guerra das mais engenhosas. Ela se aproxima do inimigo e flutua em volta dele.

— É, isso é estranho — concordou Kell. — De todas as coisas interessantes para rondar nessa rocha, por que nós?

Involuntariamente, Caston olhou Marc de esguelha. O fuzileiro já o encarava, questionando-o em silêncio. Caston, então, desviou o olhar, sentindo a mandíbula doer com o rilhar dos dentes. Não, não contaria ao esquadrão. Não havia o que contar. Dizer que o suserano de olhos verdes estava ali porque ele matara seu companheiro era admitir que o suserano se lembrava dele. Que aquela coisa tinha uma mente.

O suserano desceu para a relativa segurança das muralhas de cascos de nave chamuscados. Caston apoiou o FN92 na parede e sacou o C-14.

A cabo Sawn, aparentemente tomando uma decisão, postou-se ao lado de Bayton e disparou arrubos de sussurros que Caston mal podia ouvir.

— ... cair fora... ser mais... agora mesmo.

Bayton olhou para baixo, pensando, então respondeu no mesmo tom: — Ou a coisa não é mesmo uma ameaça, ou é tarde demais para correr. Estamos mais seguros aqui.

Sawn não discutiu. Deu de ombros e voltou para o seu canto.

Segurando a C-14 com tanta força que seus dedos doíam dentro das manoplas do traje, Caston chegou a uma decisão:

— A gente devia sair para caçar. Ir atrás do desgraçado e acabar com ele.

Todos o encararam como se tivesse sugerido que saíssem nus.

— Está escuro lá fora — disse Kell, como se só ele pudesse ver.

— Não importa. Suseranos carregam zangões. Zangões podem criar colmeias. Temos que matar o bicho antes que ataque.

A tensão cobriu a ampla sala como uma teia, retesada e trêmula.

— Você está certo — respondeu Kell, com um tom de gravidade. — Vamos treinar.

Arqueando o corpo, com os braços dependurados, fez leves movimentos de pinça. A passos lentos, aproximou-se de Caston:

— Oooh! Voa, voa. Vai, atira em mim antes que eu pouse em você. Belisca, Belisca.

A gargalhada de Hanna soou mais alta aos ouvidos de Caston do que realmente fora. Ele atirou Kell no chão com um estrondo e apontou para a janela.

— Idiota! Você não está vendo? Isso não é piada! Os zergs estão lá fora!

— Eu realmente não consigo ver nada daqui.

O resto dos fuzileiros riu, com a exceção de Bayton, cuja expressão era como uma nuvem cinzenta pairando sobre uma montanha negra, e da cabo Sawn, que parecia jamais ter sorrido em toda sua vida.

— Os zergs não são indivíduos, Caston — afirmou Berry, sorrindo. — Suseranos apenas recebem ordens, eles não emitem. Sem um líder, ficam loucos. Esse aí provavelmente se perdeu de uma das colmeias menores do parque Ewen.

— Isso não é loucura — insistiu Caston. — Essa coisa está nos caçando!

Os sorrisos na sala vacilaram quando eles perceberam que Caston talvez não estivesse brincando. O sargento Bayton pousou a mão sobre o ombro do fuzileiro:

— Calma, soldado — boquejou. — Você está fazendo um papelão.

Berry nem percebeu. E provavelmente pensou que estava ajudando: — Suseranos não caçam, na verdade. Nem os predecessores deles. Os *Gargantis proximae* eram herbívoros semi-inteligentes antes de sua raça ser infectada pelos zergs. Comuns, com uma língua baseada em força psiônica, manipulação tentacular e cores. Ah, e uma coisa que poucos sabem. — Berry sorriu. — Eles pranteavam os mortos.

— Pranteavam os mortos — repetiu Caston parvamente, com os olhos oscilando entre a ameaça zerg e o soldado cuja mente se fora.

— Isso — disse Berry alegremente. — Os estudos sugerem que eles podiam viver séculos, mas, quando um morria, todos ficavam azuis, da cor do céu. Um céu com a quantidade adequada de oxigênio e nitrogênio, claro. Enfim, agora que esse está livre do Enxame, ele é selvagem, mas inofensivo.

Caston lançou um olhar para o sargento. Havia uma ordem implícita nos olhos de Bayton, que diziam "Cale a boca, soldado Gage".

Ele se virou para observar o suserano prosseguindo em seu circuito ao redor da academia e piscou. O monstro rumava para o ponto onde estavam, erguendo-se por trás da torre estilhaçada de um hotel como uma lua púrpura. Os fuzileiros riram, e alguns ergueram seus C-14s para praticar tiro ao alvo. Felizmente, logo o clima era outra vez de gozações amenas, o padrão para o Esquadrão Carne Moida.

Alguma coisa cortou a sala como um raio, alguma coisa invisível, intangível, **concentrada**. Caston cambaleou. Berry e Vallen também, mas ambos se recompuseram, sacudindo a cabeça. Ninguém mais percebeu.

Não era a palavra *agora*. Era a **essência** de *agora*, condensada com a força de uma ordem, vindo da direção do suserano.

A cabeça do monstro se ergueu, fitando-o com olhos verdes e cintilantes. Ele o reconhecia.

Caston chiou. E imaginou que ele estava certo. O suserano tinha mesmo deixado um zangão em algum lugar, que criara uma colmeia. E se Olhos Verdes... a coisa soubesse que todos viriam observá-la rondar a academia?

E por que ele se aproximaria agora? A menos que estivesse tentando chamar atenção para si...

Caston girou sobre os calcanhares um segundo antes de um grupo de mutaliscas aos guinchos dar um rasante, sacudindo seus corpos insetoides ferozmente sob as asas de couro. Chicoteando as caudas para a frente, elas liberaram uma onda de parasitas vorazes exatamente ao mesmo tempo.

Estilhaços de novoação e bolsas de peste morfética ricochetearam na plataforma de observação.

Caston gritou. Fragmentos de metal afiados como navalhas ativaram a blindagem que cobria seu peito, e um pedaço da ombreira da armadura simplesmente **desapareceu**. Resfolegante, cambaleou para trás, tentando absorver a carnificina instaurada à sua volta. Marc estava de joelhos, arrancando o capacete com dedos de metal, enquanto uma névoa rubra jorrava do que antes fora seu rosto. Berry não tinha mais cabeça. Nenhum deles havia sequer baixado seus...

— Baixe o seu! Merda! O seu visor! E atire! Soldado! — urrou o Sargento Bayton, sacudindo-o pela armadura.

Caston obedeceu prontamente às ordens. Fechou o visor e olhou por cima do ombro, tentando encontrar o suserano. Ele desaparecera.

---

**Eu não carrego mais alados em mim.**

**Eu subo até as nuvens. Eu carrego o peso dos voláteis mortos.**

**Curva do mundo está embaixo. Lugar frio está em cima. Eu quero flutuar para cima.**

**Eu não quero fazer isso.**

**Eu quero fazer isso.**

**Eu sou Um. Não Nós precisa conhecer o medo. A loucura. Ele precisa conhecer o medo e a loucura. É preciso que haja castigo.**

---

O estampido ensurdecido do disparo do C-14 estremeceu o piso da plataforma de observação e ecoou nos arranha-céus ao redor. Um rombo se abriu no torso de uma mutalisca, que caiu e desapareceu. Outra surgiu na linha de fogo de Caston e rodopiou para longe, rumo ao chão distante.

As duas mutaliscas remanescentes subitamente estremeeceram e uma voltou seus projéteis ácidos contra a outra, sibilando e guinchando. O que restava do Esquadrão Carne Moída concentrou fogo nas criaturas selvagens. As mutaliscas se desfizeram numa chuva de entranhas pegajosas.

O rifle de Caston fez um clique, sem munição. O zero piscou em seu visor de combate por alguns segundos, antes que ele compreendesse seu significado e recarregasse a arma.

O piso de novoço estava abarrotado de cicatrizes desenhadas pelo ácido e vermes mortos. Marc estava caído de bruços, com a cabeça virada para o lado. Não havia nada no capacete, exceto sangue e ossos, mas, em sua mente, Caston ainda sentia o peso de seu olhar calmo, triste.

Pôs o C-14 de lado e caminhou na direção de Kell, mantendo o punho erguido.

Sem pressa, o sargento Bayton avançou para ele, batendo suas costas contra a parede:

— Isso **não** está acontecendo, soldado!

— Eu tentei avisá-los, mas ele achou que era piada. Agora estão todos mortos!

— É, estão sim — disse Bayton, abrindo o visor com um clique. Os músculos do pescoço e do queixo saltavam. — Agora olha pra ele. O que acha que ele está pensando?

Caston encarou Kell, postado em silêncio diante dos corpos de Marc e Berry. Em seguida, virou o rosto.

— Certo, fuzileiros. É o seguinte: nós vamos dar um jeito de chegar até o módulo de transporte da cabo Sawn. Vamos sair daqui. E vamos fazer as duas coisas a toda velocidade.

— Nada disso, sargento — protestou Hanna, subindo o visor para cuspir. — Vamos caçar esse maldito suserano.

— Com certeza — concordou Vallen.

— Ah, desculpe — disse o sargento Bayton. — Você deve ser nova aqui. Sabe essa última parte que eu disse? Nos Fuzileiros Navais, nós chamamos isso de **uma porra de uma ordem**. Agora...

A trinta metros da academia, um vulto esverdeado cruzou o esqueleto de um arranha-céu e explodiu. Com suas fundações destruídas, o prédio tombou sobre mais concreto com um estrondo oco, seco, transformando quadras inteiras de estruturas abandonadas em destroços e colunas de fumaça cinzenta e espessa.

Com as bocas secas, os fuzileiros se afastaram da devastação e olharam para o céu escondido.

O segundo tatu-bomba expelido pelo suserano chegou à plataforma de pouso. O módulo de transporte e o cruzador dos desafortunados piratas irromperam numa torre de fogo esverdeado.

— Para o elevador, agora! — berrou Bayton, batendo o punho no painel. Depois de um leve apito, as portas do único elevador que ainda funcionava se abriram. Sawn entrou primeiro, quase por instinto. Caston seguiu, começando a entender como a médica sem armadura conseguira viver o bastante para obter aquele olhar vazio, marcado pela guerra.

Vallen, Hanna e Dax entraram em seguida. Kell ainda não se mexera. Com um grunhido, Bayton agarrou o fuzileiro em choque, jogou-o no elevador já abarrotado e apertou um botão do lado de dentro.

— Dax.

— Sargento?

— Você vai parar de palhaçada e levar o pessoal para o nível mais baixo. Entendido?

— Sim, sargento. Como você sabia?  
— Por favor. Já conheci mil como você. Eu sou um sargento, soldado.  
— Você... vai entrar no elevador, sargento? — perguntou Hanna.

Bayton sorriu: — Use os olhos, soldado Saul. Não tem espaço.  
As portas se fecharam e eles desceram.

Com o estremecimento do elevador, o corpo de tatu-bomba seguinte atingiu o centro já morto da plataforma de observação.

---

**Eu desço. Fogo e fumaça se levantam para receber a mim.**

**Eu ouço o silêncio dos mortos. Eu ouço os pensamentos dos vivos.**

**O castigo dele ainda não acabou.**

**Das larvas, eu convoco cavador e espinhento. Das larvas, eu convoco um-muitos.**

**Eu os carrego com minha vontade, e eu os envio. Agonia.**

---

As portas do elevador se abriram no nível A, no corredor do quartel, que, apesar de subterrâneo, estava longe de ser tão afastado quanto eles gostariam.

— Todos para fora — disse Dax. — Preciso de espaço para trabalhar.

— Do que o sargento Bayton estava falando? — perguntou Vallen enquanto desembarcavam. Kell avançou um pouco pelo corredor e agachou-se, as costas contra a parede.

— Bem, sabe a minha ressociação?

— O que tem?

— Não aconteceu, na verdade. Fui pego hackeando os registros do Ministério da Fazenda. Eu só estava tentando resolver o problema de um amigo — explicou-se, arrancando um painel da parede. Dos compartimentos do traje, puxou um dispositivo portátil que não se parecia com o hardware padrão dos fuzileiros e conectou os fios.

— Eles queriam me ressocializar e me alistar como punição. Disseram isso e me deixaram sozinho na sala com o console de registros por dez minutos.

— Quer dizer que você...

— Hackeei o console. Fucei no que tive que fuçar para arrumar um bom registro.

— Deixa eu ver se entendi — disse Hanna. — Eu passei todo esse tipo sentindo pena e você nem é retardado? Como você espera que alguém confie em você de novo?

— Ah, eu não estou nem aí. — Dax encolheu os ombos. — Enfim, ainda querem que eu salve seus traseiros?

— Por favor. Mulheres de toda a parte vão agradecer — disse Vallen, virando-se para a médica. — Você não vai dizer nada, vai?

— Se ele salvar a gente, eu o indico para o cargo de imperador — respondeu Sawn secamente.

Caston foi até Kell. Ele esteve prestes a socá-lo por algo que nem era sua culpa e precisava...

— Eu sei — disse Kell, erguendo a cabeça. Os olhos estavam avermelhados. — Eu fiz piadas durante o treino, fiz piadas quando você tentou nos avisar. Eles estão mortos por minha culpa. Eu sei.

— Não era isso que eu queria dizer. Olha, o suserano veio porque eu...

— As bonequinhas podem calar a boca por um instante? — disse Hanna, passando por eles e entrando no corredor escuro. As luzes piscavam. Os recrutas ficaram nas salas junto ao elevador, mas o quartel fora construído para alojar centenas de fantasmas e fantasmas recrutas. Os corredores eram longos e escuros, inundados de ecos e agora...

... algo arranhava.

— Também ouvi — disse Kell, postando-se de pé. — O que você acha que é?

— Espero que sejam ratos — respondeu Hanna.

Depois da primeira curva, algo **gritou**.

— Mas acho que estou errada — disse Hanna, empunhando o rifle. — Dax, anda logo!

— Sinta-se à vontade para vir ajudar se você descobrir como se desarma uma trava de instalação classe Ômega.

Dois zergnídeos se engalinhavam num canto afastado, atacando-se violentamente. Quando viram os fuzileiros, guincharam e investiram.

Vallen, Caston, Kell e Hanna abriram fogo. Projéteis gaussianos arrancavam nacos ensanguentados de suas costas, rasgando suas asas, e ainda assim eles avançavam, alheios à dor. Um tiro de sorte abriu o crânio do primeiro, interrompendo sua corrida. O rifle de Caston começou a clicar, e desta vez ele não tinha mais munição. O zergnídeo que restava saltou entre os fuzileiros, alvejando Dax e Sawn, sem armadura...

... que apoiou o rifle de Dax na porta do elevador, preparou as pernas para o coice e disparou um único tiro.

O zergnídeo se abriu no meio.

Os fuzileiros ficaram atônitos.

Kell riu primeiro e Caston e Hanna o acompanharam, quando Vallen estremeceu com o estrondo inesperado e largou o rifle. Vallen ria em silêncio, abaixando-se desajeitado para recuperar a arma. Até mesmo Sawn deixou transparecer algum divertimento enquanto massageava o ombro.

Aborrecido pela interrupção, Dax olhou por cima do ombro. Só ele viu os seis zergnídeos que irromperam da curva.

Batendo as asas insetoides, todos eles atingiram Vallen ao mesmo tempo, gritando e dilacerando. Largas faixas de sangue mancharam as paredes e o teto. Vallen caiu sem emitir um som.

De súbito, Kell chutou três dos zergnídeos que se atracavam sobre Vallen e atirou, gritando palavras sem sentido. As criaturas evaporaram numa nuvem de sangue e garras sob a barragem de balas. Hanna tentou puxar o companheiro, mas desistiu quando um zergnídeo guinchou e arrancou a mão de seu traje mecânico junto ao pulso. Ela xingou, pisoteou a criatura ao lado da poça de sangue de Vallen e deu um disparo certo no crânio.

O rifle ficou sem munição no mesmo instante em que o zergnídeo parou de se debater.

Caston permaneceu imóvel. Outra falha. Um a um, ele falhava com todos eles.

O fuzileiro então agarrou o zergnídeo mais próximo pela cauda e bateu a criatura contra a parede repetidas vezes, até que não houvesse nada além de carne disforme.

A distância, o rifle de Kell atirou uma rajada longa e clicou, vazio. Caston se virou a tempo de ver Kell chutar o último zergnídeo do peito de Vallen.

As garras destruíram a armadura de Vallen. Era possível ver o piso de novoço através de seu corpo. Sawn assoviou e sacudiu a cabeça.

— Dax — resmungou Hanna, arrastando-se de volta para o elevador.

— Eu sei — respondeu Dax. — Quase pronto.

— Não estamos, não — disse Kell, olhando outra vez para o corredor.

A cabeça cristada da hidralisca quase alcançava o teto. Com um som metálico, a criatura deslizava para a frente, contorcendo-se e estremeecendo como se milhões de insetos invisíveis a picassem.

— Cabo! — disse Hanna, disparou de volta para o elevador. — O rifle!

— Economize munição — disse Kell, e investiu.

Caston deveria ter gritado, deveria ter dito que ele não precisava se redimir. Não era culpa sua.

Mas as palavras congelaram em sua garganta. Ele não podia se mover.

— Caston! Sai da frente! — urrou Hanna às suas costas, mas Kell já tinha saltado e agarrado a crista da criatura. Ele puxava sua cabeça para baixo, enquanto o monstro ensandecido talhava a blindagem em

suas costas. Então, a hidralisca voltou-se para Caston, as imensas presas gotejando de fome e **reconhecimento**. Ela arqueou o corpo, expondo o negrume brilhante entre a carne e a carapaça, e espinhos capazes de perfurar armaduras cortaram o ar na direção dele.

Próximo como estava, se ele fosse o alvo, a criatura jamais erraria. Ela não queria acertá-lo. Os espinhos assoviaram, resvalando por sua armadura, e a cabo Sawn gritou logo atrás. Mais carne jazia inerte no chão.

A hidralisca se curvou para trás agitando a cauda serpeante e enterrou as garras nas vísceras de Kell, mais e mais fundo. Esticando as mãos trêmulas, Kell agarrou os maxilares superior e inferior da hidralisca e rompeu a bocarra com um **estalo** úmido.

Ele e a criatura caíram juntos.

O visor de Kell brilhou e se abriu. Sua boca se movia, mas só sangue jorrava. Ele sorriu.

— Não foi culpa sua — disse Caston, atirando-se ao seu lado. — Foi minha. Você está me ouvindo? Foi culpa minha.

O sorriso de Kell congelou, e seus olhos se esvaziaram.

Esforçando-se para ficar de pé novamente, Caston se virou, temendo tudo o que o esperava.

Sawn já devia esperar os espinhos e girou instintivamente. O espinho a atingira de lado, quase dividindo-a ao meio. Os outros pregaram Dax na parede do elevador, em meio a uma poça vermelha.

— Elevadores prontos — disse Dax, e expirou uma vez. Não inspirou mais.

— Por que você não se mexeu, Caston? — disse Hanna, empurrando-o. — Por que você não se mexeu?

— É culpa minha — disse Caston quase sem forças.

Hanna ficou imóvel, depois abriu o visor. Mesmo com a exaustão e o pesar se digladiando em seu rosto, seu olhar era magnífico. — Só sobramos nós dois, e você vai me fazer o favor de não ficar catatônico, Gage — disse. — Por isso, ouça.

"Você não transformou os zergs no filhos da puta esfomeados que eles são. Você nem começou a guerra. Eles que começaram. Você não tem por que se desculpar."

Mas ele tinha. Ela estava certa apenas em parte: o primeiro tiro não fora disparado por ele. Mas o segundo, sim.

Hanna o arrastou de volta para o elevador com a mão que restava em seu traje, soltando palavrões direcionados a ele e ao mundo em geral. Ela disse algo sobre se esconder e depois caçar o suserano quando chegassem os reforços. Ele estava quase certo de que respondera.

As portas se fecharam. Caston observou seus pés. O sangue ondulava sob eles.

O elevador descia rapidamente para as profundezas da academia, parando de súbito em alguns andares. Enquanto Hanna, firme, delineava sua vingança, Caston observava os andares passando rapidamente, como imagens num projetor, hesitando sempre que as portas se abriam e fechavam com violência.

Esqueletos vestindo uniformes esfarrapados da Confederação, presos quando Tarsonis caiu.

**ssssshTum**

No fim de um pequeno corredor, uma parede de vidro coberta de carne avermelhada.

**ssssshTum**

Um longo corredor com luzes quentes e pálidas. A mais distante queimou. Depois, a seguinte. E a seguinte. A escuridão avançava para eles como uma avalanche e...

**ssssshTum**

O elevador despencou por alguns segundos e parou repentinamente, recendendo a plástico queimado e metal aquecido. Quando as portas se abriram, a abertura chegava apenas à cintura de ambos. A letra Z piscava no painel.

— ... com um lança-chamas, e **pisar neles**. Está me ouvindo, Caston?

— Estou ouvindo — disse Caston, abaixando-se para abrir as portas no nível Z. Juntos, ele e Hanna desceram o elevador até o último nível, baixaram seus visores e saíram da cabine.

O silêncio reinava. Luzes intermitentes manchadas pela fuligem conferiam uma tonalidade amarelada ao novoço. Uma placa que dizia "Controle de Segurança" indicava um corredor secundário.

— Tem que ter um controle funcionando aqui — disse Hanna. — Vamos pedir ajuda, depois procuramos a escada de emergência.

Caston permitiu que Hanna fosse na frente, pois ela carregava o único rifle que ainda tinha munição. Ela dobrou uma esquina. Ele tinha o pressentimento de que procurar a escada não era uma boa ideia. Os soldados confederados não teriam morrido de fome se houvesse uma escada...

Calma.

Se não havia escada, como os zergnídeos e a hidralisca atacaram?

Um arranhão insidioso na parede logo atrás era o único aviso.

A barata zerg saltou no novoço e derrapou, soltando faíscas enquanto lutava para se equilibrar. A criatura sibilava triunfante de dentro da segurança espinhosa de sua grossa carapaça. Hanna girou, erguendo o C-14 desajeitadamente acima do antebraço maneta de seu traje.

— Abaixa, Caston!

Caston não tinha a menor intenção de deixar que ela lutasse sozinha. A bem da verdade, ele não tinha a menor intenção de sobreviver àquele planeta. O fuzileiro saltou sobre a imensa barata, esticando as duas mãos para segurá-la até Hanna disparar...

Com um movimento impetuoso do corpo maciço, a barata o lançou contra a parede, emitindo um estrondo de aço contra aço. Hanna atirou, e os projéteis gaussianos resvalaram e ricochetearam na carapaça da barata...

Com a bocarra escancarada, o monstro recuou. O tempo ficou mais lento. Hanna jogou o rifle para Caston...

A barata lançou um jato de ácido.

Engasgando-se, Hanna cambaleou para trás totalmente coberta pelo fluido verde borbulhante. Depois se sentou com violência, espalmando as pernas, e caiu para trás.

Com as garras agitadas, a barata se virou para Caston. A boca se abriu outra vez, e a bile emergia do fundo de sua garganta...

Um míssil de puro pensamento mergulhou dos céus na direção do corredor escuro, abaixo do chão. A barata estremeceu e o encarou, salivando.

Em seguida, bateu a própria cabeça contra o novoço, deixando apenas uma massa bruta, disforme.

Com um cansaço indescritível, Caston apoiou as costas na parede. Cambaleando, passou pelo corpo da barata e foi até Hanna. O ácido havia corroído vorazmente a armadura dela e abriu um buraco no chão. Nada do que restava poderia ser reconhecido como humano.

Com o rifle de Hanna pendendo da mão, Caston percorreu o trajeto até o buraco na parede de onde emergira a barata. Era mais que suficiente para ele passar.

As luzes em seu peito iluminavam a escuridão estreita. O túnel seguiu em direção contrária à academia até que o novoço se tornou solo, transformado numa crosta resistente pelas secreções da barata. A passagem começou a espiralar para cima, e Caston caminhou nela por meia hora. Num determinado ponto da espiral, um túnel secundário levava de volta para a academia, mas ele sabia que lá só encontraria os corpos de Kell e Vallen no mesmo lugar em que caíram.

Ele continuou a subir até alcançar a superfície, do lado de fora da academia.

O suserano esperava por ele.

Os olhos verdes de veios avermelhados encaravam-no vidrados, julgando-o. Um ódio selvagem emanava da massa coberta de cicatrizes como o calor da fornalha. Logo atrás, as ruínas da academia cortavam o céu.



Com um doloroso esforço, sem cortar o contato visual, o suserano desfraldou uma garra e riscou uma linha longa e tortuosa no solo, aos pés de Caston.

Ele olhou para o chão, examinando o desenho. E compreendeu.

Um. O suserano permitira que vivesse. Ambos estavam sozinhos agora.

O suserano o perscrutou por um momento. Então, expandiu os flancos e ascendeu, virando-se para partir.

Caston ergueu o rifle. E hesitou.

A criatura havia permitido que vivesse, de propósito. Ela queria que ele a matasse. Ele havia assassinado o outro suserano, e agora Olhos Verdes queria morrer. Por que um zerg se importaria...?

Ele se lembrou dos dois pairando juntos, como se conversassem. Contra sua vontade, pensou na inteligência peculiar da criatura e em Berry dizendo que a espécie que dera origem aos suseranos podia viver por centenas de anos. Ele se perguntava se era possível que uma criatura infestada pudesse recuperar suas memórias, sua consciência, ao se separar do Enxame.

E no quão maravilhoso devia ser reconhecer alguém depois de séculos de horror...

Chorando, desgostoso, Caston atirou o rifle para longe.

---

**Eu** subo além do horizonte dividido. **Minha** morte não vem. **Eu** desejava que viesse.

**Eu** não quero lembrar. **Eu** não quer mais ser **Um**.

**Eu** não quero mais ser **eu**.

**Eu** não quero lamentar.

**Eu** cruzo a linha do horizonte. **Eu** retorno para o abraço. **Eu**...

**Dor**

**Eu...**

**Eu?**

**Nós.**

No tranquilo abraço do **Nós**, **nós** permanecemos. Retornar, vai a Kerrigan. Isso, **nós** sabemos.

Nada mais há.

**Nós** não queremos lembrar.

Suseranos, **nós** somos.

---

Quando o sol nasceu, Caston já tinha cavado e preenchido oito covas. Abandonou a armadura vazia ao lado do sepulcro e caminhou até o fantasma da capital confederada. Uma equipe de resgate acabaria vindo, e ele não queria ser resgatado. O resgate implicava ressociação. Ressociação implicava esquecer, e ele não desejava isso.

Percebeu um movimento e ergueu os olhos.

Muito acima do mundo devastado, o suserano se elevou para além da alvorada, emitindo um brilho azul como o céu.